

## REPRESENTAÇÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A IMIGRAÇÃO DE MULHERES VENEZUELANAS NO PORTAL DE NOTÍCIAS G1.COM

*SOCIAL REPRESENTATION AND GENDER VIOLENCE: THE IMMIGRATION OF VENEZUELAN WOMEN ON THE G1.COM NEWS PORTAL*

*Gislene Araújo Gabriel<sup>1</sup>*

*Ticiane Rodrigues Nunes<sup>2</sup>*

### RESUMO

A imigração é um fenômeno motivado por inúmeros conflitos e adversidades que pressionam as massas populacionais a buscarem melhores condições de vida. Assim sendo, analisamos as representações sociais sobre mulheres imigrantes venezuelanas que são (re)produzidas discursivamente pelo Portal de Notícias *G1.com*, legitimando, com isso, a violência de gênero e promovendo a subalternização e o apagamento dessas mulheres no contexto social brasileiro. Para isso, selecionamos uma mostra de notícias veiculadas pelo Portal de Notícias *G1.com*, publicizadas na mídia digital e acessadas de forma ampla. Empreendemos uma análise sociodiscursiva com base em aportes teórico-metodológicos da Análise do Discurso Crítica (ADC), conforme as abordagens dialético-relacional (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2016, 2003, 2013) e sociocognitiva (VAN DIJK, 2015), em diálogo com a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2019; JODELET, 2001). Quanto aos aspectos teóricos, discutimos acerca da mídia e da ideologia (THOMPSON, 2011a) e consideramos a relação entre representação e discurso (HALL, 2016). Ademais, destacamos o fenômeno da *Feminização* das migrações (PADILLA, 2007) e suas implicações nas relações de gênero (BUTLER, 2021), considerando a violência de gênero a que são suscetíveis essas mulheres, mediante a forma como são representadas discursivamente pela mídia. Como resultados, destacamos que a mídia jornalística dá pouco destaque à pauta migratória, além de silenciar as vozes das imigrantes venezuelanas como sujeitos que participam ativamente do fenômeno social, promovendo a invisibilidade social dessas mulheres duplamente vulneráveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imigração. Imigrante venezuelana. Representação Social. Análise do Discurso Crítica. Mídia.

### ABSTRACT

Immigration is a phenomenon motivated by numerous conflicts and adversities that pressure the population masses to seek better living conditions. Therefore, we analyze the social representations about Venezuelan immigrant women that are (re)produced discursively by the G1.com News Portal, thereby legitimizing gender violence and promoting the subalternization and erasure of these women in the Brazilian social context. To do this, we selected a sample of news broadcast by the G1.com News Portal, published in digital media and widely accessed. We undertook a socio-discursive analysis based on theoretical-methodological contributions from Critical Discourse Analysis (CDA), according to the dialectical-relational (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2016, 2003, 2013) and socio-cognitive (VAN DIJK, 2015) approaches. in dialogue with the Theory of Social Representations (MOSCOVICI, 2019; JODELET, 2001). As for theoretical aspects,

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará (UECE), gislenegabriel@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-5684-0119>.

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Ceará (UECE), ticianer.nunes@uece.br, <https://orcid.org/0000-0002-8877-278X>.

we discuss media and ideology (THOMPSON, 2011a) and consider the relationship between representation and discourse (HALL, 2016). Furthermore, we highlight the phenomenon of Feminization of migration (PADILLA, 2007) and its implications for gender relations (BUTLER, 2021), considering the gender-based violence to which these women are susceptible, through the way they are discursively represented by the media. As a result, we highlight that the journalistic media gives little emphasis to the immigration issue, in addition to silencing the voices of Venezuelan immigrants as subjects who actively participate in the social phenomenon, promoting the social invisibility of these doubly vulnerable women.

**KEYWORDS:** Immigration. Venezuelan immigrant. Social Representation. Critical Discourse Analysis. Media.

## Introdução

Sem a pretensão de esgotar as discussões que giram em torno da complexa questão migratória, essa pesquisa surge no momento em que o mundo alcança o número de mais de 110 milhões de pessoas deslocadas. Conforme a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), trata-se de um recorde histórico equivalente a cerca de metade da população brasileira, cujas causas não são apenas as guerras que forçam, em muitos casos, as pessoas a se deslocarem, mas também fatores como discriminação, violência política, pobreza, mudanças climáticas e catástrofes naturais<sup>3</sup>.

Na América Latina, sobretudo no Brasil, onde a principal entrada de migrantes é a fronteira em Pacaraima, no Norte de Roraima<sup>4</sup>, a situação não é diferente, tendo em vista a recente imigração, decorrente da crise política, econômica e social na Venezuela. Nesse cenário, o recorde da entrada de venezuelanos foi alcançado em março de 2023, quando foram contabilizados 17.471 migrantes no território brasileiro, segundo levantamento da OIM (Organização Internacional para as Migrações).

Diante disso, convém ressaltar que a mídia viabiliza pouco destaque à questão migratória e, quando o assunto é abordado, na maioria das vezes, as notícias trazem a temática relacionando-a com tragédia, guerra, fome e miséria. Tal fato promove a naturalização das representações sobre imigrantes, por meio de rótulos e de classificações tipificadas. Sendo assim, é relevante a abordagem do uso de estereótipo que, neste estudo, conforme Amossy e Herschberg (2022, p. 34), consiste em um esquema ou fórmula cristalizada, tratando-se de representações cristalizadas, de esquemas culturais preexistentes.

Além disso, no contexto de modernidade tardia, cujo conceito é base constituinte dos estudos da Análise do Discurso numa perspectiva crítica, “a linguagem tornou-se a parte mais significativa da vida social” (SANTOS; LOPES; DUTRA, 2020, p. 133). Dessa forma, a mídia cumpre a função de mediar o conhecimento no processo informativo, tendo em vista que está cada vez mais presente no cotidiano dos sujeitos, exercendo grande influência na sociedade como um todo, em relação aos cidadãos no mundo nos mais diversos comportamentos e modos de pensar e agir.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/mundo-bate-recorde-com-110-milhoes-de-pessoas-deslocadas/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/economia/brasil-tem-recorde-de-entrada-de-venezuelanos-pelo-3o-mes-seguido/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

Desse modo, entendendo que é por meio da linguagem que os discursos constroem e consolidam representações e visões de mundo sobre a realidade, consideramos de suma importância analisar as representações sociais construídas discursivamente sobre mulheres imigrantes, as quais são amplamente reproduzidas socialmente, edificando de forma consensual imagens negativas acerca desse grupo social e intensificando a situação de vulnerabilidade em que elas se encontram.

Com efeito, o presente estudo alinha-se aos pressupostos epistemológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC), conforme (FAIRCLOUGH, 2016, 2003, 2013), juntamente aos pressupostos teóricos da Teoria das Representações Sociais (TRS), com base em Moscovici (2019) e Jodelet (2001) e nos estudos transdisciplinares que relacionam as grandes áreas das Ciências Sociais Aplicadas: a Linguística e a Psicologia Social.

Diante disso, urge destacar que esta análise situa-se no campo transdisciplinar, por inserir-se nos Estudos Críticos do Discurso, cujo diálogo entre as ciências busca compreender a complexidade de problemas sociais, contribuindo “para que sejam cada vez mais mitigadas as fronteiras disciplinares, sem que haja reducionismos ou perda de conhecimentos” (MORIN, 2005). Além de ser classificada como descritivo-interpretativa e etnográfica (GIL, 2021), documental (BARDIN, 2021), de abordagem qualitativa (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017).

Contextualmente, partimos da apresentação do cenário mais recente da imigração venezuelana no Brasil, cujos fluxos de entrada no país, em decorrência da crise econômica e política iniciadas em 2010 na Venezuela e intensificadas nos anos de 2016-2017. Isso, devido às mudanças no cenário econômico, político e social, ocasionadas principalmente pela crise do petróleo e pelo aumento da inflação no país, até chegar ao contexto da pandemia de COVID-19, motivos pelos quais o recorte foi delimitado com base no mapeamento de publicações midiáticas entre 2018 a 2021.

A partir disso, acerca do problema social a ser enfrentado, amplamente discutido nesta pesquisa, destacamos que nos últimos anos percebemos que os discursos políticos jornalísticos e os noticiários fazem constantes referências à crise migratória. Desse modo, é fundamental que se reflita sobre o fato de que a linguagem institui e demarca lugares para sociais as pessoas, principalmente, quanto ao gênero, à raça e à sexualidade. O que se apresenta não apenas pelo ocultamento do feminino, mas também por meio das diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (*ou não*) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações, pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos e comportamentos, ou seja, por meio de mecanismos que são utilizados em relação às raças, às etnias, às classes, às sexualidades (LOURO, 1997, p. 67), como forma de violência e abuso de poder.

Diante disso, o objetivo deste estudo consiste em analisar as representações sociais sobre mulheres imigrantes venezuelanas que são (re)produzidas discursivamente pela mídia hegemônica brasileira, a partir de uma mostra de notícias jornalísticas veiculada pelo Portal de notícias *G1.com*, por meio das quais a violência de gênero é legitimada, promovendo a subalternização e a invisibilidade dessas mulheres no Brasil.

Ademais, realizamos as análises de modo a descrever os elementos temáticos que constituem as representações sociais midiáticas sobre mulheres imigrantes venezuelanas, a partir da análise das notícias jornalísticas veiculadas pelo Portal de notícias *Gl.com*. Além de identificar as estruturas linguístico-discursivas ideológicas do discurso sobre imigrantes que contribuem com a (re)produção das representações sociais estereotipadas sobre as mulheres venezuelanas. E, por fim, discutir as estratégias linguístico-discursivas mobilizadas para silenciar vozes de mulheres imigrantes, promovendo a violência de gênero, por meio da (re)produção de discursos hegemônicos.

Quanto às estruturas globais do discurso, em relação à análise dos *Tópicos* que compõem as macroestruturas semânticas de notícias veiculadas pelo portal *Gl.com*, destacamos que, de modo geral, a estrutura macrossemântica das notícias analisadas gira em torno de 3 (três) tópicos relevantes, a saber: **(1)** trabalho/emprego; **(2)** maternidade; e **(3)** abrigo/desabrigado. No entanto, ressaltamos que centramos esforços na análise do tópico maternidade, tendo em vista que é utilizado para ancorar as representações sociais sobre as mulheres imigrantes em estereótipos de gênero, o que consiste em uma forma de violência e, portanto, uma injustiça social (FAIRCLOUGH, 2003).

Para alcançarmos o objetivo proposto, utilizamos como categorias de análise: **i)** Tópicos Discursivos (VAN DIJK, 2013); **ii)** Estereótipos e Léxico (AMOSSY, 2022; FAIRCLOUGH, 2016); e **iii)** Interdiscursividade (FAIRCLOUGH, 2016).

A proposta metodológica desta pesquisa baseia-se na ADC, mais especificamente tem como base o quadro teórico-metodológico mais recente, conforme Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003, 2013), que manteve conceitos-chave da proposta de 1992, como hegemonia, dialética entre ação e estrutura, ordem de discurso e intertextualidade. Além disso, enfatiza a *transdisciplinaridade*, por meio de teorias sociais, além de se inspirar no realismo crítico, uma epistemologia contemporânea da ciência social crítica.

Na abordagem mais recente, segundo Ramalho (2005), a ADC centra-se sobre três principais bases epistemológicas: **(1)** na visão científica de crítica social; **(2)** no campo da pesquisa social crítica sobre a modernidade tardia; e **(3)** na teoria e na análise linguística e semiótica.

A partir disso, a visão científica de crítica social justifica-se pelo fato de a ADC ter como objetivo prover base científica para um questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, ou seja, em termos de *justiça social*<sup>5</sup> e poder, com vistas a mudanças sociais.

Dito isso, o artigo estrutura-se em três seções: **1)** *Feminização* da imigração e violência de gênero no Brasil: vulnerabilidade, poder e controle; **2)** Análise de Discurso Crítica (ADC) e Teoria das Representações Sociais: diálogos possíveis; **3)** Análise sociodiscursiva crítica da Imigrante venezuelana em notícia jornalística do Portal de notícias *Gl.com*.

---

<sup>5</sup> Fundamentalmente, os projetos de justiça social não apenas consideram injustas as desigualdades sociais, como trabalham rotineira e explicitamente para acabar com elas. E esses projetos não precisam estar fora da academia, em projetos de base ou amplos movimentos sociais. Teorias críticas com um etos de justiça social também conquistaram espaço na academia (COLLINS, 2022).

## 1. *Feminização* da imigração e violência de gênero no Brasil: vulnerabilidade, poder e controle

A *Feminização* das migrações no Brasil consiste em um fenômeno social que se inicia a partir de 2015 e vem se consolidando, nos últimos anos, com um crescente número de mulheres adentrando as fronteiras nacionais e se estabelecendo no mercado de trabalho (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2022, p. 9).

Desse modo, uma das principais tendências do processo migratório contemporâneo consiste na *Feminização* das migrações, o que aponta para o rompimento das relações sociais tradicionais e da hegemonia masculina no processo de mobilidade humana que atuam sobre as mulheres, por meio da desestabilização das relações de poder e a partir de sua sexualidade e/ou gênero. De tal modo, é importante reconhecer o sujeito como múltiplo, contraditório e construído dentro dos diferentes discursos, com especial atenção às relações de poder na relação do sujeito com a linguagem e por meio dela, sobretudo nas relações de gênero.

Assim sendo, a fim de nos deter a esse novo perfil de mulher no processo migratório, discutimos acerca do processo de *Feminização* das migrações, em decorrência do aumento quantitativo de mulheres nas migrações internacionais contemporâneas. A partir da compreensão de discurso como uma forma de agir, podendo exercer poder e controle, além de representar uma realidade socialmente compartilhada (VAN LEEUWEN, 2008).

Importa destacar que o conceito de poder apresenta-se a partir de dois movimentos fundantes em duas frentes analíticas, ou seja, a partir da relação entre: **1)** Poder e violência, para discutir acerca do abuso de poder a que os corpos das mulheres são vítimas, ao tratar acerca da violência praticada contra a mulher; e **2)** Poder e mídia, considerando a sua articulação entre poder controle e manipulação midiática na (re)produção de representações negativas sobre mulheres imigrantes venezuelanas.

Dito isso, vale ressaltar que no final dos anos 1990, acompanhando o processo global de *Feminização* das migrações com o protagonismo de mulheres (PADILLA, 2007), emergiram os Estudos de Gênero nas Migrações - os quais têm buscado refletir, na atualidade, sobre como a estrutura patriarcal nos mais diversificados contextos socioculturais e como os papéis sociais, construídos para homens e mulheres, impactam nos processos migratórios.

Assim, o atual processo de *Feminização* deu-se por conta da participação social e cultural das mulheres na esfera social política, o que, conforme Osterne (2020), fez com que surgisse uma maneira própria de existência, bem mais integrada e humanizada, uma vez que desmontou binárias oposições, além de ter contribuído para reinventar eticamente e trabalhado no sentido de renovar o imaginário político e cultural contemporâneo.

Nesse sentido, além da situação de vulnerabilidade sofrida na condição de mulher, a migrante também encontra uma barreira na vulnerabilidade do sujeito imigrante que, com base no modelo político-jurídico do Estado Nacional, está condicionado a uma situação de não nacional e, por isso, é um não sujeito que, em função de sua condição de estrangeiro, vive reduzido à “vida nua”, ou seja,

é remetido a um espaço de privação, caracterizado pela ausência de reconhecimento das vozes e das ações (MINCHOLA, 2020).

Em vista disso, acerca das mais diversas formas de violência às quais estão sujeitos, como das mulheres imigrantes, por conta de barreiras linguísticas ou culturais, além da dificuldade em acessar informações sobre direitos, como a lei Maria da Penha e serviços de apoio, tornam esses grupos sociais mais vulneráveis (MANTOVANI, 2020). Nesse diapasão, Marinucci (2007) afirma que

[...] muitos relatórios de organizações internacionais relatam abusos sofridos por mulheres migrantes, começando com o aliciamento para exploração sexual (tráfico) e tráfico de noivos, até violações de direitos humanos, durante a travessia ou nos locais de chegada. Em geral, é mencionada a dupla discriminação como mulher e como estrangeira. Acrescenta-se a discriminação relacionada à irregularidade administrativa, cor da pele, etnia ou e/ou religião (MARINUCCI, 2007, p. 19).

Desse modo, as migrações tanto podem significar um processo empoderamento das mulheres que migram, quanto podem se tornar um espaço para que os direitos fundamentais das mulheres sejam violados. Assim, segundo levantamento feito pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), uma mulher é agredida a cada quatro minutos<sup>6</sup>, no entanto, os dados não revelam o número de mulheres imigrantes vítimas de violência.

Sendo assim, é importante compreender que a violência contra mulheres é sempre uma expressão da desigualdade de poder. Desse ponto de vista, a racionalização da violência é praticada conforme um *modus operandi*, por meio de uma ideologia capitalista que procura dar sentido às ações violentas sustentadas por crenças sexistas e machistas no meio social. Nas relações entre homens e mulheres, a relação de poder é uma questão social que passa pela linguagem, sendo objeto pertinente à análise de discurso, já que questões discursivas têm influência sobre relações de poder, ideologias e representações sociais (RESENDE, 2022, p. 88). Entendemos, assim, que essa assimetria deve ser reconhecida como questão pública e não privada, como foi tratada durante muito tempo e ainda é.

Vale destacar que Butler (2021, p. 242) considera gênero um estilo corporal, um “ato”, que é tanto intencional como “performativo” que sugere uma construção dramática e contingente do sentido. Para a autora, o gênero não pode ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; visto que é uma identidade construída no tempo, instituído num espaço externo, por meio de uma repetição estilizada de atos.

Dessa forma, o gênero é constantemente construído por meio de práticas discursivas, com base em padrões dominantes do que significa ser homem e mulher, em nossas performances cotidianas. Em outros termos, *nós* produzimos nosso gênero continuamente, por meio de nossas ações, o que significa que não possuímos características de um gênero que existe antes da performance, mas “o gênero como performance é algo que o sujeito faz nos posicionamentos que ocupa, nas narrativas

<sup>6</sup> “Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento”. *Folha de São Paulo*. 09 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>. Acesso em: 06 maio 2020.

que conta, nos modos de sentar, agir, mover o copo, aceitar e recusar parceiros sexuais etc.” (MOITA LOPES, 2009, p. 134).

Assim, as desigualdades existentes na relação entre homem e mulher são produzidas e reproduzidas de diferentes formas, o que faz com que seu poder seja constantemente reafirmado, mediante a “coisificação” da mulher que se torna propriedade do outro, deixando evidente a ideia equivocada de que o homem é supostamente chancelado a praticar a violência, o que pode culminar na morte da vítima (ABUDE, 2021).

Acerca dos imigrantes, a quem se atribui uma diferença político ideológica, convém destacar que sofrem diversas dificuldades de inserção e de aceitação sociocultural, o que, conforme Lara e Limberti (2015), intensifica-se ainda mais quando são levadas em consideração outras categorias, tais como mulher, pobre e periférica, que, de acordo com a posição do dominador, em uma sociedade machista e sexista, nem deveria existir.

Logo, ressalta-se que o enfrentamento à violência de gênero consiste em um tema que entrou na agenda política brasileira de forma tardia e, por consistir em um meio de superação de problemas históricos, não pode admitir retrocessos em sua execução, a fim de que tenhamos uma sociedade mais justa, segura e igualitária para todas as mulheres (FERRARI, 2019).

Dessa forma, é cada vez mais urgente pensarmos acerca dos diversos ciclos de violência e práticas sociais em que a mulher está inserida, a fim de garantir, de forma efetiva, a proteção dos direitos de Liberdade e de Igualdade, além da promoção do Princípio constitucional da Dignidade da Pessoa Humana, sobretudo no contexto sócio-histórico brasileiro, tendo em vista a persistência dos altos índices de violência contra a mulher, cada vez mais evidentes no Brasil, nos últimos anos.

## **2. Análise de Discurso Crítica (ADC) e Teoria das Representações Sociais: diálogos possíveis**

Cada passo que os pesquisadores dão em direção ao aprofundamento dos estudos da Teoria das Representações Sociais não diz respeito somente à determinada disciplina, mas tem ligação, em primeiro lugar, com a Sociologia e a Antropologia (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2019, pp. 9-10), mais especificamente com as teorias que se relacionam com os mitos, com a ideologia, com a linguagem, em que os conceitos daí provenientes desempenham um papel bastante significativo.

Nesse sentido, Jodelet (2001) afirma que as representações sociais devem ser estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais, além de serem integradas as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm juntamente a elementos como cognição, linguagem e comunicação. Por isso, tendo em vista que a linguagem pode desvelar mecanismos que a análise apenas dos conteúdos e do nível cognitivo, necessariamente, não revela, é importante insistir na linguagem e no funcionamento do discursivo das diferentes formas de pensamento social.

Existe um vínculo entre comunicação social, ou estrutura social e representações. Assim, particularmente, Moscovici (2019) insistiu no papel da comunicação social, primeiramente, por se tratar de um objeto próprio da Psicologia Social que contribui para a abordagem de fenômenos cognitivos e, em seguida, porque a comunicação desempenha um papel fundamental as trocas e interações que concorrem para a criação de um universo consensual e, depois, porque remete a fenômenos de influência e de pertença sociais que são decisivos na elaboração dos sistemas intelectuais e de suas formas (JODELET, 2001).

Nesse sentido, urge destacar que, em uma abordagem discursiva do sentido, da representação do poder, o sujeito parece ser produzido por meio do discurso, em dois sentidos, ou lugares diferentes: 1) o próprio discurso produz sujeitos, que possuem atributos que poderíamos esperar, como definidos pelo discurso, figuras que personificam formas particulares de conhecimento que o discurso produz; 2) o discurso também produz um lugar para o sujeito, como leitor, ou espectador, que também está sujeito ao discurso, em que seus significados e entendimentos específicos fazem sentido (HALL, 2016, p. 100).

Ainda, em um dado momento, todos os indivíduos tornam-se sujeitos de um determinado discurso e portadores de seu poder/conhecimento, mas, para isso, é necessário colocar-se na posição em que o discurso faça mais sentido, tornando-se seus sujeitos, ao sujeitar a si mesmo aos seus significados, poder e regulação. Dessa forma, todos os discursos constroem posições de sujeito, de onde eles se tornam inteligíveis e produzem efeitos.

Assim, os indivíduos se distinguem por meio de suas características, classes sociais, gêneros, raças e etnias, por exemplo, mas não são capazes de captar o sentido até que tenham se identificado com as posições que o discurso constrói, sujeitando-se a suas regras e, dessa forma, tornando-se sujeitos de seu poder/conhecimento (HALL, 2016, p. 100), o que interfere na teoria das representações.

Diante disso, Jodelet (2001, p. 28) afirma que toda pesquisa de representação social passará por uma análise das características ligadas ao fato de que ela consiste em uma forma de conhecimento, como forma de saber, ou seja, a representação será apresentada como uma modelização do objeto diretamente legível em (ou inferida de) diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais.

Isso é possível porque, ao construírem uma organização do real, por meio de imagens mentais transpostas em discurso, ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, as representações estão incluídas no real, ou reconhecidas como se fossem reais, pois se baseiam na observação empírica das trocas sociais e constroem um discurso que as justificam, produzindo um sistema de valores que se transforma em norma de referência, ou seja, “as representações apontam para um desejo social, produzem normas e revelam sistemas de valores” (CHARAUDEAU, 2019, p. 47).

De acordo com Resende (2009, p. 74), em ADC, a partir da relação entre discurso e sociedade, a estruturação da realidade social afeta a construção discursiva, assim como nossos modos de representação também podem ter efeitos na organização do mundo social, ou seja, nosso conhecimento



acerca do mundo social não pode ser estritamente separado do mundo social em si, tendo em vista que nossas construções têm implicação sobre o modo como o mundo social se organiza. Jodelet (2001, p. 156) afirma que a abordagem das representações sociais trata acerca dos fenômenos que não se interessam mais somente pelos fatores e pelos comportamentos diretamente observáveis, mas dá ênfase sua dimensão simbólica, centrada na noção de significação.

As pesquisas em ADC estão primariamente interessadas nas representações discursivas, sem perder de vista a relevância dos momentos não discursivos das práticas sociais para a crítica explanatória do papel do momento discursivo das práticas. Isso porque o foco de pesquisas em ADC é o discurso e, portanto, as representações, o que justifica a perspectiva de relação dialética entre linguagem e sociedade. Assim, aspectos discursivos de práticas sociais, como representações discursivas de eventos e práticas podem ter efeitos causais na sociedade (RESENDE, 2009). Na mesma linha de pensamento, Jodelet e Moscovici (1990) chamam atenção para a importância das práticas sociais para a Psicologia Social:

[...] considera-se, geralmente, que as representações sociais são associadas a comportamentos atomizados, sem laços sociais, frequentemente sob a forma de legitimação, dando sentido aos atos que lhe são anteriores ou independentes. Negligencia-se o fato que as práticas são sistemas de ação socialmente estruturados e instituídos em relação com as regras (JODELET; MOSCOVICI, 1990, p. 285).

Logo, tendo em vista que, em suas práticas sociais contemporâneas, a vida social é cada vez mais mediada por textos, diferentes representações discursivas de práticas e eventos podem ocasionar diferentes modos de legitimação de ações e de identificação de atores sociais (SANTOS, 2021, p. 46). Diante disso, é possível afirmar que as representações sociais regulam as práticas que emergem do cotidiano.

### **3. Análise sociodiscursiva crítica de notícias jornalísticas do Portal *G1.com***

As representações sociais, cuja noção básica perpassa o domínio da Filosofia e de algumas ciências humanas, como a Linguística, no contexto social contemporâneo, em que os meios de comunicação de massa passaram a promover uma ampla e diversificada socialização de todas as formas de conhecimento, são sempre de alguém (sujeito) e de algo (o objeto) (SÁ, 2015, pp. 54-5).

Nesse sentido, Jodelet (1984) afirma que “as representações sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal”. Assim, ainda que tais representações exibam “características específicas no plano da organização dos conteúdos ou dos processos de representação, refere-se às condições e aos contextos nos quais emergem as representações, às comunicações pelas quais elas circulam, às funções que elas servem na interação” (JODELET, 1984, pp. 361-2).

Dessa forma, a mídia que tem sido instrumentalizada para atender aos mais diversos objetivos, principalmente aos interesses de grupos que detêm o seu controle (VAN DIJK, 2003), por meio

de uma comunicação mediada, que envolve meios técnicos institucionais de produção e difusão de conteúdo (THOMPSON, 2011b). Ainda, serve como uma ferramenta para discutir e difundir textos que constroem representações de/para objetos e pessoas do mundo, a fim de atender os interesses hegemônicos relativos à dominação de um grupo social que detém o poder sobre outro grupo minoritário, a exemplo das mulheres imigrantes.

Portanto, o conceito crítico de ideologia adotado neste estudo apresenta-se segundo a visão de Thompson (2011a) e Fairclough (2016), em sentido negativo e busca desmistificar a possível neutralidade dos processos cognitivos, o que nas representações não são independentes, tendo em vista que se relaciona com a concepção de ser humano e de sociedade.

Logo, as representações sobre as imigrantes venezuelanas consistem em construtos ideológicos que são amplamente veiculados pela mídia hegemônica brasileira, por meio de notícias jornalísticas, a exemplo das produzidas pelo Portal de notícias *GI.com*.

### 3.1. Ideologia e estereótipos na representação social sobre a imigrante venezuelana na mídia hegemônica brasileira

Os textos das notícias veiculadas pelo Portal de notícias *GI.com* que compõem o *corpus* desta pesquisa, no que tange ao tópico *maternidade*, apesar de fazerem referência às imigrantes no corpo do texto, de modo geral, referem-se às venezuelanas de forma generalizada como “imigrantes”, sem dar destaque às suas especificidades, ou fazem referência a essas mulheres como “venezuelanas”, associando-as a questões como *maternidade* (mães, filhos, bebês, gravidez), registro de nascimento (documentação) e burocracia.

Desse modo, a **homogeneização, da essencialização, da biologização do social e sua naturalização** (JODELET, 2001) surgem como mecanismos sociocognitivos que embasam a percepção da realidade social, a partir da ideia de que as imigrantes venezuelanas, ao serem ideologicamente representadas a partir de sua identidade como mães, são reduzidas a uma espécie de essência quase material, biológica que é naturalizada socialmente. Tudo isto, no intuito de responsabilizá-las por problemas sociais no país e, dessa forma, justificar a manutenção do poder de um grupo hegemônico, promovendo a desigualdade por meio da subalternização de corpos.

Diante disso, a **notícia 1 (N1 – G1)** intitulada *Ao menos 7 venezuelanas dão à luz por dia na maternidade de RR; número é quase o dobro de 2018*<sup>7</sup>, veiculada pelo Portal de Notícias *GI.com*, apresenta a ideia global que remete à temática da *maternidade* em relação a mulheres venezuelanas, como uma “estratégia macrossemântica de representação negativa do outro” (MELO, 2012, p. 43), o que é confirmado no texto da notícia.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/08/29/ao-menos-7-venezuelanas-dao-a-luz-por-dia-na-maternidade-de-rr-numero-e-quase-o-dobro-de-2018.ghtml>. Acesso em: 05 out. 2023.

Figura 1: Notícia 1 (N1 – G1)

RORAIMA 

## Ao menos 7 venezuelanas dão à luz por dia na maternidade de RR; número é quase o dobro de 2018

Puxado pela imigração venezuelana, estado teve crescimento populacional de 5,1%, o maior do país no último ano, segundo o IBGE. Na única maternidade do estado, 25% dos 31 nascimentos diários são de filhos de venezuelanas.

Por Emily Costa, G1 RR — Boa Vista  
29/08/2019 06h00 · Atualizado há 4 anos

  

Fonte: Portal *G1.com*.

Observa-se que o tópico *maternidade* é, recorrentemente, associado à questão do crescimento populacional, como uma problemática relativa ao estado de Roraima e resultante da imigração de mulheres venezuelanas - o que revela “um dos temas do discurso anti-imigração”, ao representá-las como “uma carga financeira para nós” (MELO, 2012, p. 35).

Para isso, as informações trazidas no subtítulo da notícia fazem *o uso de dados estatísticos* como recurso argumentativo que remete à objetividade dos fatos, a fim de convencer o leitor acerca da veracidade das informações, tendo em vista que “números e estatísticas são modos primários na nossa cultura de mostrar objetividade persuasivamente e eles habitualmente caracterizam as notícias de imprensa” (MELO, 2012, p. 44): “estado teve crescimento populacional de **5,1%**, o maior do país no último ano, segundo o IBGE. Na única maternidade do estado, **25%** dos **31** nascimentos diários são de filhos de venezuelanas”.

Além disso, quanto à *seleção lexical* utilizada nas notícias, observamos que alguns itens lexicais foram ideologicamente selecionados, no intuito de representar essas mulheres a partir da construção de um campo semântico negativo que se consagra na construção de *estereótipos de gênero*, ao apresentá-las por meio da estratégia da *generalização*, como se constituíssem um grupo uniforme, a fim de “formular preconceitos sobre características negativas generalizadas de imigrantes” (MELO, 2012, p. 40).

Nesse sentido, a *unificação* é utilizada como modo de operação da ideologia, no intuito de sustentar relações assimétricas de poder entre homens e mulheres, no nível simbólico, sem que sejam consideradas diferenças, ao representar as imigrantes “por meio de uma unidade” que as interliga em uma “unidade coletiva”, por meio da estratégia da *padronização* (THOMPSON, 2011a).

Isso posto, a partir da ideia de que constituem um grupo de mulheres venezuelanas grávidas que utilizam do Sistema Público de Saúde brasileiro e geram gastos de verbas por utilizarem o serviço público de saúde, além de intensificarem problemas sociais em decorrência do crescimento populacional, o que pode ser visto a partir dos excertos seguintes:

**Ao menos 7 venezuelanas dão à luz por dia na maternidade** de RR; **número é quase o dobro** de 2018 (N1 – G1 - grifo nosso<sup>8</sup>).

Puxado pela imigração venezuelana, **estado teve crescimento populacional de 5,1%**, o maior do país no último ano, segundo o IBGE. Na única maternidade do estado, **25% dos 31 nascimentos diários são de filhos de venezuelanas** (N1 – G1).

A escolha do lexical do adjetivo “única” para caracterizar a maternidade (espaço físico) do estado de Roraima reforça a ideia de que essas imigrantes causam ônus, ou seja, expressa conceitos e crenças subjacentes referentes a prejuízos aos cofres públicos e, portanto, à população local, por meio do item lexical que corrobora “a estratégia de representação negativa do outro” (MELO, 2012, p. 42), por meio de imagens conceituais estereotipadas sobre essas mulheres, reconhecidas socialmente como pessoas indesejadas e não bem-vindas, contribuindo, assim, com a xenofobia.

Convém ressaltar que a palavra xenofobia vem do grego e, de acordo com Albuquerque Júnior (2016, p. 9), significa “o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro”, ou seja, refere-se a um comportamento de desconfiança e preconceito em relação a pessoas estranhas ao território, ao meio e à cultura, em relação àquele que julga e observa, considerando o seu lugar de pertencimento, a partir de uma delimitação espacial, territorialidade e comunidade, em que são estabelecidas interioridades e exterioridades materiais, simbólicas, territoriais e culturais que fazem com que aquele que vem de fora seja considerado um estranho.

Dessa forma, as escolhas lexicais feitas em referência às imigrantes revelam que “o sentido é mobilizado, a fim de manter relações de dominação” (THOMPSON, 2011a, p. 17) em relação a essas mulheres, cuja transmissão cultural das formas simbólicas “garante certo grau de fixação do conteúdo significativo”, tendo em vista que tais representações ancoram-se em estereótipos gênero, “além de permitir certo grau de reprodução”, por meio da mídia hegemônica (THOMPSON, 2011a, p. 23).

Além disso, a **notícia 2 (N2 – G1)**, intitulada *Mães venezuelanas denunciam assédio para vender bebês em Roraima*<sup>9</sup>, apresenta dados estatísticos que apontam, estrategicamente, para o número de venezuelanos que atravessam a fronteira do Brasil por Roraima.

<sup>8</sup> Todos os destaques dos trechos em negrito foram feitos pelas autoras deste artigo.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/08/01/maes-venezuelanas-denunciam-assedio-para-vender-bebes-em-roraima.ghtml>.

Figura 2: Notícia 2 (N2 – G1)



Fonte: Portal *G1.com*.

Assim, a **notícia 2 (N2 – G1)** dá destaque para a situação de fome, pobreza e falta de moradia, relacionadas ao número de filhos de venezuelanas nascidos no estado, na intenção de associá-los ao aumento populacional e, conseqüentemente, à superlotação dos abrigos, por meio do uso de expressões como “há famílias inteiras, muitas delas com crianças”, o que pode ser percebido nos excertos:

Em 2018, **1.603 filhos de pais venezuelanos nasceram no estado**. Neste ano, o número ainda pode ser ainda maior: só até abril, **568 mães venezuelanas tiveram bebês em Roraima (N2 - G1)**.

A estimativa é que **32 mil venezuelanos vivam na capital do estado** que é a **principal porta de entrada dos que cruzam a fronteira**. Na cidade, **há famílias inteiras, muitas delas com crianças, morando nas ruas ou em casas e prédios abandonados (N2 - G1)**.

Diante disso, fica evidente que o discurso da notícia corrobora a reprodução de representações sociais ancoradas em estereótipos de gênero, na tentativa de fixar, no imaginário social popular, concepções negativas acerca das mulheres venezuelanas. Assim, a comunicação desempenha um papel fundamental nas trocas e nas interações que concorrem para a criação de um universo consensual e, depois, porque remete a fenômenos de influência e de pertença sociais que são decisivos na elaboração dos sistemas intelectuais e de suas formas (JODELET, 2001, pp. 29-30).

As representações sobre essas mulheres emergem, “não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito” (imigrantes venezuelanas) é definido a partir de uma identidade (*maternidade*), sendo assim uma das formas como as representações expressam um valor simbólico (MOSCOVICI, 2019, p. 21).

Assim, tendo em vista que a finalidade das representações é “tornar familiar algo não familiar”, a fim de dar uma feição de familiaridade às mulheres imigrantes venezuelanas, reconhecidas a partir do estranhamento social, com base “na memória e em conclusões passadas”, como no caso dos *estereótipos* de gênero, é utilizado o mecanismo da *ancoragem* na tentativa de “colocá-las em um contexto familiar”, juntamente com a objetificação, tendo em vista que objetificar consiste em “classificar e dar nome a alguma coisa” (MOSCOVICI, 2019, pp. 60-1).

Além disso, na imigração, os grupos minorizados são implícitas ou explicitamente representados como as causas ou agentes de problemas crescentes, não como suas vítimas (VAN DIJK, 1988), como vemos nos excertos da notícia 1 (N1 – G1):

Na fronteira com a Venezuela, o estado registrou entre janeiro e julho deste ano, quase 1,6 mil **nascimentos de filhos de venezuelanas**, ao passo que teve o **maior aumento populacional do Brasil** do último ano, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (N1 – G1).

É o **grupo de pacientes que mais cresce** no Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth, a única maternidade pública de Roraima, que atende pacientes dos 15 municípios do estado. São **31 partos por dia na unidade**, dos quais 25% são só de **mães vindas do país vizinho** (N1 – G1).

Puxado pela imigração venezuelana, o estado, que recebe desde 2015 **uma onda de imigrantes e refugiados** do país vizinho, teve um crescimento populacional de 5,1% com data de referência em 1º de julho de 2019 (N1 – G1).

Assim sendo, a ênfase dada na notícia à chegada de mulheres venezuelanas para dar à luz em maternidades de Roraima é feita por meio do uso da *hipérbole* como “instrumento semântico utilizado para intensificar o significado de uma palavra” (MELO, 2012, p. 40), o que ocorre através da *(re)lexicalização* (FAIRCLOUGH, 2016) da “chegada” de imigrantes e refugiados como “uma onda”, fazendo com que, de modo geral, imigrantes venezuelanos, sobretudo mulheres, sejam descritos negativamente como um “fardo financeiro” (VAN DIJK, 2015, p. 143) para a sociedade em que são acolhidos.

Além disso, a escolha da expressão metafórica que associa a chegada de venezuelanos a uma “onda”, remete a vinda desses imigrantes para o Brasil a um campo semântico negativo que ideologicamente funciona como um recurso discursivo que corrobora o discurso anti-imigratório. Logo, o uso dessa expressão funciona como uma estratégia que, por meio do exagero, de acordo com o pensamento de van Dijk (1998), contribui ainda mais para uma organização mais rígida das informações de notícias e, portanto, podem levar a uma melhor memorização pelo leitor e a uma persuasão aprimorada.

Ademais, a escolha lexical da utilização de advérbios de intensidade, quantificadores vazios como “maior” e “muito”, nos trechos “o maior aumento populacional do Brasil” e “grupo de

pacientes que mais cresce no Hospital Materno Infantil” (N1 – G1), ou seja, “expressões vagas, ou que não têm referentes bem definidos, ou que se referem a conjuntos imprecisos”, cuja quantificação imprecisa revela um discurso tendencioso (MELO, 2012, p. 47) que funciona como estratégia geral de representação negativa das mulheres imigrantes venezuelanas, a fim de que as ações dos *Outros* sejam expressas de forma intensificada e, estrategicamente, reconhecidas de forma negativa.

Sendo a mulher imigrante reconhecida socialmente como subalterna, ou seja, como “*Outro*”, “uma categoria excluída de poder”, um “sujeito marginalizado”, “cuja voz não pode ser ouvida” (SPIVAK, 2010), o que é comprovado por meio do apagamento discursivo das vozes das imigrantes venezuelanas em notícias jornalísticas. Logo, nessa perspectiva, a autora insere o termo subalterno para descrever “as camadas sociais mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados de representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, pp. 13-4).

Dessa forma, “coisas que não são classificadas e que não possuem nomes são estranhas e não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2019, p. 61). A classificação das imigrantes venezuelanas, por meio da *lexicalização* que envolve o processo de *nominalização* (FAIRCLOUGH, 2016, p. 246), busca objetivá-las, ou seja, “transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico”, por meio da *objetivação*, transferindo o objeto da representação (as imigrantes venezuelanas) para a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar e, conseqüentemente, controlar (MOSCOVICI, 2019, p. 61).

Por efeito, destacamos que uma das formas de se instaurar e manter a hegemonia, a exemplo da dominação de classe, do sexismo e do racismo, consiste na luta hegemônica travada no/pelo discurso. De acordo com Dieb; Baptista e Araújo (2014), a sociedade e os atores sociais criam crenças e ideias acerca de si mesmos e do mundo, tendo em vista o olhar para o fenômeno das formas ideológicas de pensamento e ação coletivas, percebidas por meio da conexão entre as intersubjetividades e as produções discursivas, a fim de que as representações sociais, consideradas objetos do pensamento, por meio dos quais constituímos nossa visão de mundo e de seus elementos constitutivos, sejam transmitidas de uma geração a outra, nesse processo de ordem cognitiva e social.

Destaca-se que em 2020, cerca de 30,8 mil venezuelanos viviam no Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo que, aproximadamente 10 mil chegaram nos seis primeiros meses de 2018 e 99% concentravam-se nos municípios de Boa Vista e Pacaraima, em Roraima (OMS, 2020), o que é ratificado pelos dados apresentados pela **notícia 1 (N1 – G1)**:

No ano passado, a população do estado fronteiriço era estimada em 576,5 mil habitantes, e neste ano chegou a 605,7 mil — mais 29,1 mil pessoas. O número inclui os migrantes que chegam, bem como os **bebês que nasceram no estado no último ano (N1 – G1)**.

A 215 quilômetros da fronteira, Boa Vista também teve o **maior crescimento dentre as capitais do país**. A população que era de 375 mil habitantes foi para 399 mil - um aumento de

6,35%. Em Pacaraima, na fronteira, o número de habitantes cresceu ainda mais, em 11,7%, saindo de 15 mil para 17 mil (N1 – G1).

Da mesma forma, além de trazerem informações precisas e fáceis de ser memorizadas, segundo van Dijk (1998, p. 16), as notícias usam excessivamente os números (corretos ou não) para sinalizar retoricamente sua exatidão e, portanto, sua objetividade, como pode ser percebido nos próximos fragmentos **da notícia 1**:

“Enquanto a média de **crescimento populacional nacional** foi de apenas 0,79%, aqui o **incremento foi mais de seis vezes maior**”, explica Fábio Martinez, economista e chefe da divisão de estatística da Secretaria de Planejamento de Roraima (SEPLAN) (N1 – G1).

O Brasil é a quinta nação a **receber o maior número**: são 168 mil, o que equivale a 4,2% do total, e boa parte deles e concentra em Roraima, o que sobrecarga a setores como **Saúde, Educação e Segurança** e **causa tensão com a população local** (N1 – G1).

Podemos perceber, também, o uso da estratégia que consiste na tendência polarizada, em que o Brasil é retratado como país acolhedor, juntamente com a autoapresentação positiva, enquanto os imigrantes são retratados como responsáveis por causar tensão na população local, por conta da sua chegada, ou seja, é representada de forma negativa, o que reforça implicitamente o sentimento de rejeição que, segundo van Dijk (2015), faz com que a discriminação ou o racismo fossem fenômenos da natureza do grupo social em análise e não práticas dos membros do grupo dominante.

Ademais, a recorrente utilização do discurso de autoridade (médico) relacionado à área da saúde funciona como estratégia argumentativa que visa à confirmação das informações apresentadas na notícia. Conforme van Dijk (2015), essas propriedades do discurso acerca das mulheres venezuelanas, que são reconhecidas como os “*Outros*”, possuem condições, funções e consequências tanto sociais quanto cognitivas, por meio da depreciação do *exogrupo*, o que constitui uma prática social discriminatória que pode, por sua vez, contribuir para a formação ou a confirmação desses preconceitos, como mostram os fragmentos da notícia:

Para Adriana Castelli de Abreu, **diretora da maternidade, a alta de pacientes vindas do país vizinho preocupa**, porque é “imprevisível” (N1 – G1).

“A gente sabe que a partir de setembro há um **aumento natural de partos**. Essa é uma característica local, mas nós sabemos e não conseguimos prever isso **em relação às mães venezuelanas**”, explica. “Há períodos em que chegam muitas mais, em outros, menos” (N1 – G1).

Dessa forma, em relação à análise do *interdiscurso* (FAIRCLOUGH, 2016), considerando suas funções ideológicas, identificamos que a notícia, apesar de dar certo destaque às vozes de imigrantes venezuelanas, momento em que explicam a motivação de imigrar na busca de qualidade de vida e apontam as condições de miséria a que estavam sujeitas em seu país de origem. Em contrapartida, logo



em seguida, o discurso da notícia (mídia) reforça representações negativas, ancoradas em *estereótipos* de gênero, a partir da ideia de que as mulheres atravessam a fronteira para dar à luz.

Logo, os estereótipos de gênero, assim como os estereótipos raciais, por serem uma construção fictícia, elaborada a partir de representações e de crenças equivocadas, implicam relações de poder e de dominação (AMOSSY, 2022). Tal estratégia é utilizada como um recurso discursivo ideológico, “dada a relação estreita entre discurso e ideologias”, “descritas em termos da fundação axiomática das representações sociais compartilhadas por grupos” (MELO, 2012, p. 48) que buscam anular e deslegitimar o discurso dessas mulheres, o que é apresentado por meio de dados estatísticos de instituições de pesquisa que reforçam o número de nascimento de filhos de venezuelanas que chegam ao país, suposta causa do crescimento populacional, como explicitam os seguintes fragmentos da **notícia 1**:

“Eu vim em **busca de uma melhor qualidade de vida** para mim e para ela”, disse Daniela Rojas, de 21 anos, três dias depois de ter sua bebê na única maternidade pública de Roraima, em Boa Vista. É onde ao menos sete venezuelanas deram a luz por dia em 2019, quase o **dobro do ano passado (N1 – G1)**.

Na fronteira com a Venezuela, o estado registrou entre janeiro e julho deste ano, quase **1,6 mil nascimentos de filhos de venezuelanas**, ao passo que teve o **maior aumento populacional do Brasil** do último ano, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (N1 – G1).

“**Na Venezuela não tem trabalho, remédios, comida e nem fraldas**”, explica Daniela, que se viu obrigada a cruzar a fronteira do Brasil um mês antes do parto **devido à crise econômica, política e social no país vizinho**. Por dia, entre **500 e 600 venezuelanos** fazem o mesmo caminho. “**A viagem foi difícil e muito cansativa** para uma grávida” N1 – G1).

É o **grupo de pacientes que mais cresce no Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth**, a única maternidade pública de Roraima, que atende pacientes dos 15 municípios do estado. São 31 partos por dia na unidade, dos quais **25% são só de mães vindas do país vizinho (N1 – G1)**.

Em vista disso, podemos destacar que a presença marcante de mulheres grávidas entre os grupos de imigrantes reforça a busca por melhores condições vida não apenas para elas, mas para os filhos, pois, ao nascer em território brasileiro, essas crianças são também amparadas pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), já que nasceram em solo brasileiro e serão reconhecidas como cidadão nato.

Urge destacar que somos sujeitos constituídos socialmente por meio da linguagem, que consiste em campo fértil para que sejam travadas as mais diversas lutas ideológicas, além de ser na/por meio dela que (re)produzimos ideologias, a fim de embasar posicionamentos no mundo. Logo, o discurso revela-se como o meio propagador das diferentes formas de assimetrias de poder entre grupos sociais. Em outras palavras, “tais ideologias gerais formam base de atitudes de grupo mais específicas, que por

sua vez podem influenciar opiniões individuais de membros do grupo, construções ou interpretações de eventos específicos”, assim como “práticas sociais e discursos dos quais os grupos se dedicam” (MELO, 2012, p. 48).

Assim, a neutralidade é proibida, pela lógica mesma do sistema, onde cada objeto e ser devem possuir um valor positivo ou negativo e assumir um determinado lugar em uma clara escala hierárquica (MOSCOVICI, 2019, p. 62). É o que ocorre com as imigrantes venezuelanas que são representadas ideologicamente pela mídia hegemônica de forma negativa, a fim de atender aos interesses de um sistema patriarcal que busca manter padrões sociais de desigualdade de gênero, perpetuando relações assimétricas de poder, por meio da violência exercida pelo poder simbólico (BOURDIEU, 2009).

Portanto, a linguagem se torna um importante campo de luta política, uma vez que a língua é compreendida em termos dos discursos concorrentes, dos modos concorrentes de atribuir significado ao mundo, o que implica diferenças na organização do poder social.

## Considerações finais

A partir da análise das notícias **1 e 2 (N1 e N2 – G1)**, destacamos que os tópicos discursivos, ao assumirem sua função ideológica, tanto nos títulos e subtítulos quanto em sua reincidência no corpo das notícias em análise, revelam que algumas escolhas temáticas, quando associadas a determinados tópicos discursivos, buscam rotular processos migratórios e, por meio de um propósito discursivo-ideológico reproduzem representações sociais, a partir de imagens conceituais formadas sobre mulheres imigrantes venezuelanas.

Desse modo, destaca-se que muitas mulheres que fogem da insegurança em seus países de origem, como as imigrantes venezuelanas, não alcançam a segurança que desejam no local de destino, tendo em vista que continuam submetidas a discriminações relacionadas a seu papel social de gênero, tanto por parte de seus pares (companheiro e compatriotas), quanto por parte do Estado, por meio das instituições oficiais, o que pode ser agravado por conta do *status* de estrangeira.

Com relação às categorias, na análise da estruturação dos textos, evidenciamos que as escolhas lexicais cumprem a função de sinalizar o posicionamento do Portal de notícias *G1.com* como enunciador. Desse modo, alguns estereótipos surgem com frequência na superfície dos textos das notícias, por meio da atribuição de determinados rótulos e classificações, construindo uma imagem conceitual sobre as imigrantes venezuelanas que evidencia uma prática discursiva midiática que, por sua vez, legitima a violência de gênero.

Nesse sentido, podemos destacar que uma das marcas discursivas que foram percebidas, com base nas análises desenvolvidas referentes ao processo migratório venezuelano para o Brasil, consistem em na universalização do “imigrante”, representado de forma genérica, sem que sejam consideradas as especificidades dos sujeitos. Tal homogeneidade aponta para o apagamento social de mulheres, corroborando a invisibilização social delas, o que intensifica suas vulnerabilidades, reforça o sistema patriarcal e promove a desigualdade, por meio da violência de gênero.

Além disso, em relação à análise discursiva, a partir da leitura e da interpretação dos dados, identificamos o léxico utilizado de forma recorrente na superfície textual das notícias, por meio da estratégia intencional da (re)lexicalização, no intuito de atribuir diferentes significados às palavras (FAIRCLOUGH, 2016), funcionando como forma de manipulação planejada.

Por conseguinte, a associação da mulher Venezuela ao tópico *maternidade*, socialmente tratada como um resultado único de características fisiológicas, serve como estratégia ideológica que busca responsabilizá-las do crescimento populacional na região em que vivem, ou seja, como sendo resultante da chegada dessas mulheres ao Brasil. Portanto, com a intenção de culpá-las por problemas estruturais que decorrem da falta de políticas públicas que sejam capazes de atender às necessidades essenciais para uma vida digna da população em geral.

Portanto, percebemos que as representações sociais sobre as mulheres imigrantes ancoram-se em estereótipos, sendo os mais recorrentes os estereótipos de gênero, que reforçam as relações desiguais de poder atribuídas cultural e socialmente a homens e mulheres. Assim, reconhecemos que a linguagem opressiva, mais do que representar a violência, consiste em prática de violência de gênero.

Em uma sociedade patriarcal, mulheres sofrem reiteradamente como vítimas do sexismo e do machismo, posto que “ser imigrante produz ainda mais vulnerabilização, que incide sob a forma de violações de direitos humanos, principalmente de mulheres e crianças” (REIGADA, 2020).

Dessa forma, resta evidente uma prática social que se mobiliza com base na violência de gênero, evidenciando a maneira como se dá o diálogo entre o discurso midiático e os demais discursos, contribuindo para a disseminação de discursos hegemônicos que constroem representações sociais sobre as imigrantes venezuelanas. Ainda, podemos ver o apagamento discursivo de muitas imigrantes venezuelanas operando por meio da falta de diálogo com essas mulheres, o que revela que o silêncio consiste em uma das formas mais eficazes para que se estabeleça a dominação, o sinal de submissão da mulher à autoridade patriarcal.

Nesse sentido, Hooks (2019, pp. 20-1), defende que uma das formas mais poderosas de mudar vidas, por meio do pensamento e da prática feminista, consiste em encontrar nossa voz e usá-la para romper silêncios e encontrar e/ou celebrar o alcance da voz, sobretudo em atos de rebelião crítica e de resistência, afastando o medo.

Com isso, reforça-se a estrutura patriarcal dominante com base na ideia machista que equivale feminilidade à *maternidade*, valendo-se do determinismo biológico, como recurso discursivo ideológico que serve como arma (argumento) para que mulheres sejam excluídas da esfera pública e invisibilizadas socialmente a partir de uma visão pautada em *estereótipos de gênero*, sendo circunscritas ao ambiente social da esfera privada, segundo uma falsa noção de experiência feminina, o que se configura como uma injustiça social.

## Referências

- ABUDE, Kátia Maria Brasil. *O Impacto da Pandemia no Brasil, em 2020, na Incidência da Violência Doméstica contra Mulher, em Especial, o Feminicídio*. Revista âmbito Jurídico, 2021. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-civil/o-impacto-da-pandemia-no-brasil-em-2020-na-incidencia-da-violencia-domestica-contramulher-em-especial-o-feminicidio/>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*. – São Paulo: Cortez, 2016.
- AMOSSY, Ruth.; PIERROT, Anne Herschberg. *Estereótipos e clichés*. Tradução e adaptação: Lelia Gándara. Bom Atres: Eudeba, 2022.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Edição revista e atualizada. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2021.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaoconsolidado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaoconsolidado.htm). Acesso em: 08 out. 2022.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 12. ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2009.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. *Relatório Anual OBMigra, 2022*. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022. Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra\\_2020/OBMigra\\_2022/RELAT%C3%93RIO\\_ANUAL/Relat%C3%B3rio\\_Anuual\\_2022\\_-\\_Vers%C3%A3o\\_completa\\_01.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMigra_2022/RELAT%C3%93RIO_ANUAL/Relat%C3%B3rio_Anuual_2022_-_Vers%C3%A3o_completa_01.pdf). Acesso em: 20 jan. 2022.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: University Press, 1999.
- DIEB, Messias; BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis; ARAÚJO, Júlio. *Discursos, Ideologias e Representações Sociais*. Curitiba, PR: CRV, 2014. Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/383402/Relat%C3%B3rio+Estad%C3%ADstico+Anual+2021.pdf/e4dd5643-f282-4cc8-8be1-92aa499bb92f>. Acesso em: 04 maio 2023.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London/New York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. 2. ed. London: Routledge, 2013.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2016.

FERRARI, Mariana Guarino. *Políticas Públicas para o enfrentamento à Violência de Gênero: o papel da Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres*. São Paulo: Pomnité Books, 2019.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em Representações Sociais*. 14. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 3ª reimpressão, 2019.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio. Apicuri, 2016.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JODELET, Denise; MOSCOVICI, Serge. Les représentations Sociales dans le champ social. *Revue Internationale de Psychologie Socialc*. n. 3, 1990.

JODELET, Denise. *As representações sociais*. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

LARA, Gláucia Proença.; LIMBERTE, Rita Pacheco. *Discurso e (des)igualdade social*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MANTOVANI, Flávia. *Diário de uma refugiada: venezuelana relata experiência de migrar ao Brasil*. Folha de São Paulo (Edição Impressa), 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/diario-de-uma-refugiada-venezuelana-relata-experiencia-de-migrar-ao-brasil.shtml>. Acesso em: 06 ago. 2021.

MARINUCCI, Roberto. Feminization of migration? In: *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Ano XV, v. 15, n. 29, 2007, pp. 5-22. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/issue/view/4>. Acesso em: 13 nov. 2022.

MELO, Iran Ferreira. *Introdução aos Estudos Críticos do Discurso: teoria e prática*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

MINCHOLA, Luís Augusto Bittencourt. Que lei de migração é essa? In: *Migrações internacionais: experiências e desafios para a proteção e promoção de Direitos Humanos no Brasil*. Giuliana Redin (organizadora) – Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2020 (e-book). Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/07/migracoes-internacionais.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. A Performance Narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da Anpoll*, v. 2 n. 27, 2009. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/146>. Acesso em: 11 fev. 2022.

MORIN, Edgar. *O Método 4: as ideias – habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social*. 11. ed. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

- OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. *Violência nas relações de gênero e cidadania feminina*. [livro eletrônico]. 1. ed. Fortaleza, CE: Edmeta Editora, 2020. Disponível em: <https://storage.woese.com/documents/9ec941b08958441a0e359656a289385fee806b3b.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.
- PADILLA, Beatriz. A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: MALHEIROS, Jorge Macaísta. (coord). *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.
- RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Constituição da Análise de Discurso Crítica: um percurso teórico-metodológico. *Signótica*, v. 17, n. 2, p. 275-298, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/3731>. Acesso em: 07 ago. 2022.
- REIGADA, Carolina Lopes de Lima. *Violência contra migrantes e refugiadas*, 2020. Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/noticias/violencia-contra-migrantes-e-refugiadas/>. Acesso em: 06 jul. 2020, s/p, web.
- RESENDE, Viviane de Melo. (org.). *Estudos do discurso: relevância social, interseccionalidade, Interdisciplinaridade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
- RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas: Pontes, 2009.
- SÁ, Celso Pereira. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SANTOS, Eric Silva; LOPES, Lucineide Matos; DUTRA, Zilda Maria da Silva. Modernidade Tardia. In: IRINEU, Lucineudo Machado et al. (org.) *Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave*. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- SANTOS, Maria de Fátima de Souza. A teoria das Representações Sociais no Brasil: história e evolução. In: NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. (org.). *Representações Sociais: campos, vertentes e fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: editoras UFMG, 2010.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9. ed. Trad. de P. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.
- VAN DIJK. Teun A. *Semiosis*. México: Universidad Veracruzana, 1998.
- VAN DIJK. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2015.
- VAN DIJK. *Ideología: una aproximación multidisciplinaria*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.